

celle de l'homme normal en ce sens qu'elle se heurte, comme tout autre passion amoureuse..." Idem, pág. 212.

- (50) Ed. Penguin Books, pp. 166, 168.
- (51) London, 1935.
- (52) Ed. Globo, trad. brasileira, pp. 72 e seguintes.
- (53) Idem, pág. 51.
- (54) Idem, pág. 74.
- (55) Ed. Taunus, Madrid, pág. 72.
- (56) Editorial Presença, Lisboa, pág. 11.
- (57) in "O castelo de Axel", Ed. Cultrix, trad. brasileira, pág. 145.
- (58) Marcel Proust, *Lettres à Reynaldo Hahn*, ed. Gallimard, prefácio de Emmanuel Berl, pág. 10.
- (59) Idem, pág. 60.
- (60) Idem, pág. 234. Nas explicações, o comentarista das cartas a Hahn, alude que havia um "vocabulário especial" entre Proust e seus amigos.
- (61) in "Au Bal avec Marcel Proust" — Princesse Bibesco, Gallimard, ed.
- (62) "Lettres a Madame C, Paris", Paris, Ed. J. B. Jovier.
- (63) in Proust, Marcel, "Contre Sainte-Beuve", ed. Gallimard.
- (64) in Rivane, George, "Influence de Lastme sur l'oeuvre de Marcel Proust", préface de Henri Mondor, Paris, 1945.
- (65) Idem, pág. 58.
- (66) Cattai, Georges, "Marcel Proust", préface de Daniel-Rops, Paris, 1952, pág. 20.

A Religião Entre os Romanos

MARIA CLEMENTINA BARROS LAPENDA

Produto da fusão de povos diferentes — sabino, latino e etrusco — o romano recebeu de cada um deles, traços característicos, que ficaram bem marcados na sua personalidade.

Do sabino, povo montanhês, obrigado a lutar para sobreviver dadas as circunstâncias da sua localização geográfica, herdou o temperamento belicoso. Justifica-se, assim, o guerreiro inato, o soldado por excelência que durante os cinco primeiros séculos de existência se preocupou somente com a conquista dos povos e com a expansão territorial.

Do latino, povo pacífico, habitante da planície, dedicado à agricultura, herdou o fascínio pelo campo, pela lavoura, pelo comércio. Esta herança talvez seja a que mais tenha influenciado na sua formação religiosa. Povo prático, mais ativo que sonhador, com pouca, ou melhor, com nenhuma inclinação para o misticismo, achava que a religião era um comércio como outro qualquer, apenas que a transação era efetuada entre homens e deuses. Era um "toma lá dê cá". A estrutura religiosa era, pois, baseada na permuta. Os homens desejavam uma graça, um favor, pediam-no aos deuses e, em troca, ofereciam sacrifícios.

Do etrusco recebeu a influência religiosa, mas de um primitivismo tão grande, que não deu para alterar o conceito religião-comércio. Mais tarde, em contato com outros povos é que a religião romana adquire beleza. Seus primeiros deuses foram os indígetes — nomes que se davam aos homens ilustres, honrados depois de mortos como deuses.

O CULTO ROMANO — Distinguímos entre êles dois cultos religiosos. O culto doméstico, tendo como sacerdote o chefe

da família, e o culto público, no qual havia o mediador entre os homens e os deuses. O mediador era o sacerdote e, para que houvesse a ligação, havia um ritual, um cerimonial a cumprir. Era, pois, além de utilitária e interesseira, uma religião formalística, ritual e sacerdotal.

O CULTO DOMÉSTICO — Na sua casa, o romano era o senhor, o dono absoluto de sua família e escravos. A autoridade paterna era tão grande, que durante muito tempo o pai teve direito de vida e morte sobre os seus. Cada casa tinha seu culto, seu lugar sagrado com o altar para os deuses familiares; o sacerdote era o próprio chefe da família.

Adoravam os antepassados, sendo o deus "LAR" a alma do primeiro ascendente, "MANES" as almas dos outros parentes mortos. Os gênios protetores da família eram chamados "PENATES". O Estado, considerado por eles como sendo uma família grande, também cultuava seus deuses Lares, e Rômulo e Vesta eram os protetores de Roma. Honravam os deuses com sacrifícios regulares, costumavam oferecer, antes de cada refeição, vinho e alimento e conservavam sempre acesa a chama que os iluminava. Acreditavam também nos gênios malignos — as LARVAS ou LÊMURES: eram as almas dos maus que vagavam por toda a parte na figura de lobisomem ou de quaisquer outros espectros medonhos. No mês de Maio se celebrava em honra desses espíritos uma festividade durante a qual se fechavam os templos. Os romanos chamavam a dita festa de LEMÚRIAS e, no espaço dos dias que durava, evitavam casamentos. A princípio se chamaram REMÚRIAS porque na sua instituição teve por objeto a expiação da morte de Remo causada por seu irmão Rômulo.

O CULTO PÚBLICO — Além dos deuses do culto doméstico, adoravam fenômenos da natureza ou idéias abstratas.

Júpiter — deus do céu e das tempestades, o pai dos deuses.

Juno — deusa da luz e do casamento.

Minerva — deusa da inteligência.

Vesta — deusa do fogo sagrado.

Marte — deus da guerra.

Netuno — deus do mar.

Vulcano — deus dos trabalhos de metais.

Jano — o númen da porta, que guarda a entrada das moradas.

Saturno — deus das sementes.

Ceres — deusa da colheita.

Liber — deus do vinho.

Vênus — deusa dos jardins.

Mercúrio — deus da eloquência, do comércio e dos ladrões.

Hércules — protetor dos caminhos e dos peregrinos.

Diana — deusa da caça.

Orco — deus da morte.

A esta lista ainda juntavam os gênios, que eram as divindades protetoras dos homens e das coisas:

FAUNOS — divindades campestres, às quais se atribuíam faculdades de vaticinar o futuro. Juntamente com os **SILVANOS** habitavam nos bosques. Em sua honra cantavam-se os fáunios. As festas eram denominadas "FAUNAE". Os **SILVANOS** muitas vezes eram confundidos com PAN ou FAUNO.

FLORA — deusa das flores e da primavera. Na celebração da "FLORALIA", isto é, as festas da dita deusa, as mulheres corriam de dia e de noite dansando ao som das trombetas; as que alcançavam o prêmio da corrida eram coroadas de flores.

CERES — deusa da colheita e da fecundidade. A ela eram ofertadas as primícias de todos os frutos. Era também invoca-

da nas festas nupciais para que o casal fôsse abençoado com uma grande prole. Êsse costume foi iniciado em Fescênio, cidade da Etrúria, e os cantos dessa festa foram chamados de fesceninos. Além dêsses, ainda havia o culto dos heróis (como QUIRINO, que era Rômulo e Hércules) e o das virtudes e das fôrças divinizadas.

PAZ — divindade alegórica, filha de Júpiter e de Têmi-de. Representa-se com um ar benigno, tendo em uma de suas mãos uma pequena estátua do deus Plutão e na outra um punhado de espigas, rosas e ramos de oliveira. Sôbre a cabeça traz uma meia coroa de ouro.

VITÓRIA — divindade alegórica, filha da deusa Estige e do gigante Palante. Representa-se na figura de uma jovem sempre alegre, com asas, tendo em uma das mãos uma coroa de oliveira e de louro, e na outra um ramo de palmeira.

FORTUNA — deusa que preside ao bem e ao mal. Representava-se cega e calva, sempre em pé, com asas em ambos os pés, um pé sôbre uma roda que gira velozmente e o outro no ar. A Fortuna é também chamada de OCASIÃO. Esta é representada na figura de um ou de uma jovem, calvos na parte posterior da cabeça, com um pé no ar e o outro em cima de uma roda, uma navalha na mão e um véu na outra, algumas vêzes andando com ligeireza sôbre o fio de uma navalha sem se ferir.

O culto não era, no entanto, um ato de adoração, humildade e reconhecimento diante do poder supremo. Os romanos não eram contemplativos nem místicos. Sua concepção de religião divergia totalmente da dos outros povos da antiguidade. A princípio, seus deuses não possuíam nem forma: Eram abstratos. Para invocá-los, bastava dar-lhes um nome. Júpiter foi por muito tempo uma pedra e Marte uma espada invertida. Com o decorrer dos séculos, em contato com a civilização grega principalmente, os deuses passaram a ter forma humana, apareceram as primeiras estátuas e foram criadas as lendas em tôrno dêles. Tarquínio, o quinto rei de Roma, foi quem introduziu a ciência dos augúrios e erigiu a primeira estátua de

Júpiter na Etrúria, sua terra natal. Numa Pompílio, sucessor de Rômulo, de origem sabina, regulamentou a maior parte das cerimônias religiosas, instituiu um colégio de Pontífices. A princípio, foram nomeados quatro pontífices; depois, o número aumentou para quinze, sob as ordens do Pontífice Máximo. Um dos encargos do Pontífice Máximo era o de organizar o calendário "FASTI": um quadro exposto diante de sua casa mostrava os dias fastos e os nefastos; eram também anotadas as datas dos acontecimentos mais importantes da vida da cidade.

Para se dirigirem aos deuses, havia um ritual a ser obedecido, um cerimonial de antemão preparado pelos sacerdotes. Êstes entregavam aos clientes os detalhes do rito recebendo, em troca, um pagamento para sustentar as necessidades do culto. As normas litúrgicas tinham grande e essencial valor.

Como bom comerciante, o romano usava do regateio também para com os deuses. Conta-se que certa vez Numa Pompílio fêz um trato com Júpiter por uma cabeça, mas, como não havia sido muito claro, não tendo na hora da transação especificado o tipo de cabeça que deveria pagar em troca do benefício recebido, uma vez recebida a graça quis pagar ao deus uma cabeça de cebola colhida da sua própria horta.

Mas em geral êles eram íntegros, não admitiam fraudes, nem mesmo da parte dos deuses. Por ocasião da morte de Germânico, o povo indignou-se com os deuses e quebraram-lhes as estátuas, alegando que haviam oferecido em vão muitos sacrifícios. Como o número de deuses era muito grande, cabia aos sacerdotes ajudar os clientes, encaminhando-os para o deus certo. Varrão costumava dizer que era tão útil saber onde morava o carpinteiro ou o sapateiro, como saber a qual deus se dirigir no momento preciso.

As fórmulas redigidas foram chamadas "INDIGITAMENTA". Constavam de uma longa lista pedindo proteção para colheitas, nascimentos, cura de doenças etc.; "AXAMENTA" eram as invocações, as fórmulas de apêlo. Interessante observarmos que os romanos atribuíam cargos distintos, para não sobrearregá-los de modo que pudessem dispor de mais tempo para ouvir e atender os suplicantes.

Notemos que ainda hoje êsse costume é seguido pelos devotos. DEUS é o Pai, o Criador, o Onipotente, mas dirigem suas preces aos santos para que os mesmos intercedam. Temos santos padroeiros e orações eficazes contra diversos males e aflições e, segundo a crença popular, santos especializados em diversos setores. Vejamos alguns dentre os mais conhecidos:

Santo Antônio — o santo casamenteiro.

Santa Rita de Cássia — a santa dos pedidos impossíveis.

São Roque — protege contra mordidas de cachorro.

São Bento — protege contra mordidas de cobras.

Santo Expedito — para que a coisa pedida venha logo.

São Braz — para curar os males de garganta.

Santa Luzia — para proteger a vista.

Santa Bárbara — para amainar as tempestades etc., etc. e uma infinidade de outros cargos atribuídos à côrte celeste. Como na época atual, achavam uma tolice ocupar um deus para atender a um pedido que não estivesse na sua alçada. Não pediam a Ceres, deusa das colheitas, para obter êxito nas campanhas guerreiras: isto competia a Marte. O nosso povo também não pede a Santo Antônio que o livre de mordidas de cobra pois isto cabe a São Bento.

Consideravam "SUPERSTITIO" pagar uma promessa sem ter sido atendido o pedido. Costumavam também realizar procissões.

Atribui-se a Rômulo a fundação do colégio dos Irmãos Arvais, confraria dedicada ao culto de Arvum (Campo). Era composta de doze sacerdotes consagrados a Ceres e a ela faziam sacrifícios para que a terra desse bons frutos. Alguns autores citam as procissões sendo realizadas no mês de Maio, nas noites de lua cheia. Outros divergem, afirmando que tais procissões eram feitas duas vezes por ano, entoando cânticos e andando em volta das searas. No século XVIII foi encontrada

uma tábua de mármore datada do ano 218 da nossa era, contendo atos dos Irmãos Arvais:

E nos, Lases, iuvate.

Neve luerve, Marmar, sins incurere in pleores.

Sata tutere, Mars. Clemen sati sta Berber

Semunis alternei advocapti conctos

E nos, Marmar, invato

Triumpe.

Os Arvais repetiam cada verso três vezes, e cinco vezes a exclamação final: *triumpe*.

A tradução é mais ou menos esta:

"Eia ajudai-nos, ó Lares.

Não permitas, ó Marmar, que a decadência pese sobre o nosso povo.

Ah! defende as sementeiras, sê propício, ó Marte!

Invocai todos vós alternadamente a todos os Semones
(Lares).

Tu, ó Marmar, ajuda-nos.

Tripudia!"

A Numa Pompílio é atribuída a criação do colégio dos Irmãos Sálíos. Era a confraria dedicada ao culto de Marte e Quirino, ou melhor, o culto de Rômulo divinizado. Nas festas de Marte, carregavam, em procissões feitas pela cidade, os doze escudos sagrados (ancilia). Numa Pompílio acreditava e fazia o povo acreditar que um dos escudos havia caído do céu e que de sua conservação dependia o destino dos romanos. Com medo de que não o furtassem, mandou fazer mais onze idênticos, de modo que ninguém pudesse distinguir o autêntico dos outros. Confiou a guarda de todos êles a doze sacerdotes, instituídos para êste mesmo fim. No princípio de Março havia a procissão pelas ruas da cidade. Aliás, há também uma divergência quanto à época. Alguns autores afirmam que eram realizadas duas vezes por ano: na primavera, quando os guerreiros par-

tiam e, no outono, quando regressavam. Para essas solenidades, os sacerdotes vestiam túnicas de púrpura ornadas de grandes talabartes de bronze, toucados de capacetes do mesmo metal; cantavam dando saltos (daí surgiu o nome — *salire*) e faziam ressoar os seus escudos com as lâminas curtas das suas espadas.

A Tarquínio Prisco é atribuída em 550 aC a construção, no monte Capitólio, do templo de Júpiter, onde era honrado ao mesmo tempo, a tríade Júpiter, Juno e Minerva. O Panteon romano data da mesma época; entre seus milhares de deuses destacamos Vesta, a guardiã do fogo público. A enorme quantidade de deuses cultuados no Panteon, cêrca de 30.000, é justificada se considerarmos o caráter cosmopolita de Roma. Petronio em uma de suas sátiras dizia haver em Roma mais deuses que homens para adorá-los.

Mais ou menos no ano 200 aC houve outras inovações no culto: suprimiram-se vários deuses, alguns subiram de categoria enquanto que outros baixaram. Por esta época, os romanos já haviam conquistado a Magna Grécia, ao sul da península itálica, e procuraram assimilar todo o esplendor da cultura e da arte grega. É a fase da helenização. Recordemos a célebre frase de Horácio: "*Graecia capta ferum victorem cepit et artes intulit agresti Latio*". A Grécia conquistada pelas armas conquistou o agreste Lácio pelas artes. Aparecem, então, os deuses romanos à semelhança dos deuses gregos, havendo uma correlação entre êles.

Júpiter corresponde a Zeus,

Diana a Artêmide,

Marte a Ares,

Vulcano a Hefesto,

Mercúrio a Hermes,

Vênus a Afrodite,

Vesta a Estia,

Minerva a Palas Atena,

Ceres a Deméter,

Baco a Dionísio,

Netuno a Possidão,

Hércules a Héracles.

CARÁTER RELIGIOSO DOS JOGOS — No início, os jogos foram instituídos para honrar Marte, deus da guerra, e Conso, deus dos conselhos e da prudência. Celebravam-se em sua honra festas que se chamavam "CONSUALIA" e se faziam particularmente por ocasião dos espetáculos de Circo. Eram, originariamente, cerimônias do culto divino, nas quais os pontífices organizavam corridas de carros, de cavalos e de mulas.

Na época de Plauto e Terêncio havia quatro jogos regulares:

Ludi Megalenses em abril

Ludi Apollinares em julho

Ludi Romari em setembro

Ludi Plebeii em novembro

Na República foram aumentados mais três:

Cerealia

Floralia

Ludi Victoriae Sullanae

Na época imperial havia cento e trinta e cinco jogos comuns, sem contar os extraordinários. Os encarregados da organização dos jogos eram a princípio os Pontífices, depois os Magistrados; na época clássica, os edis. Os jogos extraordinários eram:

Votivos — votos feitos por um magistrado em nome da cidade.

Triunfais — nas cerimônias de triunfo

Fúnebres — para honrar um morto ilustre.

Dedicatórios — na inauguração de um monumento público.

ESPETÁCULOS CIRCENSES — Eram os mais variados.

Havia as corridas de biga (carro de dois cavalos), as quadrigas (carro de quatro cavalos), os gladiadores, os pugilatos etc. Na época do cristianismo os espectadores se deleitavam com os martírios dos cristãos.

Além desses espetáculos havia também os jogos cênicos; eram as representações teatrais. No ano 240 aC, por ocasião dos LUDI ROMANI, os romanos assistiram pela primeira vez à representação de um drama grego. O encarregado de compor a peça foi o escravo grego, da cidade de Tarento, sul da Magna Grécia, Livius Andronicus. Mais tarde esse escravo foi alforriado pela família dos Livius à qual pertencia. Teve um papel de destaque na hinódica — arte de compor versos sacros — e chegou a ser nomeado o poeta oficial do Estado. Compôs o hino de ação de graças com a qual Roma agradeceu aos deuses pela vitória de Metauro, no ano 207 aC.

OS SACRIFÍCIOS — As orações eram completadas com sacrifícios e oferendas. Estas podiam ser as primícias da estação ofertadas a Ceres, guirlandas de flôres aos lares e outras divindades. Os sacrifícios podiam ser humanos, que foram proibidos, e de animais.

A oferta diária para os Penates e para Vesta, deusa protetora do altar do Estado, não podia faltar. Derramavam-se algumas gotas de vinho e um pouco de alimento; segundo alguns, um pouco de centeio triturado e salmoura.

Aos deuses eram oferecidos animais machos, e fêmeas às deusas; para cada deus, o que mais lhe agradava. As côres e espécies eram também cuidadosamente observadas. A Júpiter

eram destinados os animais brancos; aos deuses subterrâneos, chamados deuses dos infernos, imolavam-se animais gregos. Quando era impossível encontrar o animal adequado, encomendava-se uma figura representativa em cera ou em massa. A festa mais agradável dos deuses era a "SUOVETAURILIA". Para este sacrifício era necessário um porco (sus), uma ovelha (ovis) e um touro (taurus). Esta festa era realizada ao término do censo, era a festa da purificação (lustrum) celebrada no campo de Marte. A cavalaria e a infantaria perfilavam-se de acôrdo com as centúrias. Os animais consagrados a Marte eram levados em procissão com grande pompa. Davam três voltas ao redor do exército; enquanto isto, os presentes faziam preces aos deuses pedindo proteção, paz e grandeza para a pátria. Diante do altar, o sacerdote, com a cabeça coberta com a extremidade da toga, ia espargindo o incenso apresentado por um acólito. Os assistentes traziam a cabeça adornada com uma coroa. Finalmente, em último lugar, vinha o executante que deveria ter o corpo aseado, e puro o espírito. As vítimas, ricamente engalanadas, eram conduzidas ante o altar dos sacrifícios. Após a imolação das vítimas, as vísceras eram queimadas e ofertadas aos deuses, e as carnes consumidas pelos sacerdotes.

Os sacrifícios humanos constavam de execuções de criminosos pelos padres. Foram proibidos. No entanto, no ano de 46 aC, César ordenou a execução de dois soldados revoltosos por pontífices.

PRECES E SÚPLICAS — As preces podiam ser públicas ou privadas, uma vez que obedecessem às fórmulas. As súplicas eram orações feitas em ocasião de calamidade pública ou por graças recebidas. Quando se previa uma má colheita, ofereciam-se a Ceres as "SATURAE". As saturas eram oferendas das primícias, isto é, os primeiros frutos da estação, em pratos de balança; às oferendas juntavam-se cantos e danças.

Sob a influência grega, introduziram-se novos costumes; um deles foi a "LECTISTERNA", ou seja, banquetes ofertados aos deuses. Com freqüência eram admitidos cultos estrangeiros, especialmente das cidades inimigas, com a idéia de pri-

var as mesmas da proteção divina, sendo, dêste modo, mais fácil subjulgá-las. Havia, porém, uma diferença entre a acolhida dos deuses romanos e dos deuses estrangeiros. Os últimos eram adorados fora da cidade; por exemplo, Apolo tinha seu templo no campo de Marte. Os cultos orientais também tiveram grande aceitação, por se pensar que êles satisfiziam melhor às necessidades que seus antigos deuses. Os romanos adotaram Mitra, o deus sol dos persas; Isis e Osiris, deuses egípcios; Jeová, deus dos judeus, e Cristo, que teve numerosos adeptos. O cristianismo desenvolveu-se consideravelmente e, apesar dos esforços do Estado e das cruéis perseguições, foi introduzido no seio da família imperial.

O culto dos imperadores divinizados à moda oriental teve seu início na época de Augusto, com a consagração do templo dedicado aos manes de César. Augusto restaurou os templos arruinados e abandonados, ergueu outros e criou novos cultos e festas religiosas. “Para estas reformas, contribuíram os poetas, que, incitados por êle ou por seus amigos, refrescavam a memória das antigas lendas religiosas, como Virgílio, ou, satirizando o vício, faziam sentir a necessidade de corrigir os costumes, como Horácio”. Morrendo Augusto, aos setenta e seis anos de idade, foi enterrado com grande pompa no mausoléu que ainda hoje se chama “Mausoléu de Augusto”. Depois de morto, foi considerado um deus. Instituíram-se cerimônias em sua honra, foi fundado um colégio de sacerdotes para celebrá-las. Êsse culto dos imperadores foi chamado de “APOTEOSE”. Todos os magistrados, chefes de exército tiveram que prestá-lo em memória dos imperadores. Nos fins do III século, os imperadores se atreveram em vida, a intitular-se Divinos, e seu culto religioso era obrigatório.

HIERARQUIA SACERDOTAL — Para os sacrifícios havia uma hierarquia estabelecida. Competiam, em primeiro lugar, ao *Rex Sacrorum*. Por considerações religiosas, êste permaneceu após a queda da monarquia, mas perdeu toda a importância política que desfrutava e ficou subordinado aos **PONTÍFICES MÁXIMOS**. Sua função era verificar os sacrifícios cargo êste que pertencia outrora à realeza. A espôsa do *Rex*

Sacrorum era chamada “REGINA” e considerada como sacerdotisa. Ambos estavam proibidos de desempenhar funções leigas; nos fins da República, porém, estas lhes foram permitidas, com a condição de êles não se ausentarem de Roma.

Os **FLAMINES** eram os sacerdotes encarregados de acender o fogo divino. Na cabeça usavam um gorro pontiagudo terminado com uma borla de lã. Havia três grandes flamines: — *Dialis, Martialis e Quirinalis*. *Dialis* era o encarregado do culto de Júpiter, tinha assento no Senado por direito, mas não podia sair de Roma mais de duas vezes por ano e mais de duas noites; para isso era preciso permissão do Pontífice. *Martialis* era o encarregado do culto de Marte, e o de Rômulo era chamado *Quirinalis*. Além dessas três classes havia uma classe inferior, os flamines menores, encarregados de acender o fogo dos outros deuses.

AS VESTAIS eram as sacerdotisas de Vesta, encarregadas de manter o fogo sagrado da cidade, o qual, segundo a crença, quando se apagava, era sinal de mau presságio. Dentre as melhores famílias, eram escolhidas seis crianças, entre seis e dez anos de idade, que deviam permanecer no culto pelo prazo de trinta anos. Os dez primeiros eram para a iniciação delas ao culto; os dez seguintes, pra dedicação às tarefas do culto; os dez últimos para elas servirem de mestras às futuras vestais. Durante os trinta anos passados no convento, juravam votos de castidade e, se desobedecessem a êstes, eram enterradas vivas. Tinham por obrigação conservar sempre aceso o fogo sagrado do altar de Vesta, e lhes era aplicada pena de morte se deixasse o fogo sagrado apagar-se. Qualquer descuido era punido sendo elas açoitadas pelo próprio Pontífice. Gozavam, porém, de grandes privilégios, considerações e poderes. Caminhando pelas ruas, se lhes acontecesse cruzar com um condenado, tinham poderes para absolvê-lo. Nos jogos, cabiam-lhes os assentos de honra. Leis severas protegiam-nas contra quaisquer insultos. Nenhum homem podia penetrar no recinto do convento sob pena de morte. Vestiam-se sempre de branco e cortavam os cabelos. À presidenta era dado o título de **VIRGO VESTALIS MAXIMA**; diariamente oferecia sacrifícios à deusa e orava para o bem da comunidade.

Os plebeus, impedidos de exercer os grandes cargos religiosos, reivindicaram para sua classe o direito de gozar dos privilégios que tais cargos concediam. Lutaram muito e por muito tempo para alcançarem êsse direito. Primeiro obtiveram o direito civil (*jus civile*) — segredo dos Pontífices, identificado durante muito tempo ao direito gentílico, com o qual se correlacionavam instituições como o casamento, a doação, o nascimento etc. — Obtiveram-no logo após a divulgação dos Fastos — feriados que eram guardados sigilosamente pelos Pontífices. Esta última vitória foi alcançada em virtude da “LEI OGÚLNICA”.

AUGÚRIOS — Acreditava-se que Rômulo havia introduzido em Roma três augúrios e Numa Pompílio mais dois, trazidos da Etrúria. Augurar vem a ser o mesmo que vaticinar, ou seja, adivinhar o futuro. Para conhecer a vontade dos deuses, havia uma classe sacerdotal — ÁGURES — que levavam como insígnias um brasão em forma de cajado com o qual marcavam o *Templum*. Antes das batalhas, das assembléias ou qualquer ato público era costume consultar os áugures. Os particulares também os consultavam. Eram observados três sinais:

O vôo e o grito das aves

Os relâmpagos

A maneira de comer das aves sagradas.

Além dos áugures, havia os AURÚSPICES, que igualmente profetizavam o futuro. Observavam:

Sinais celestes

As entranhas dos animais.

Os aurúspices não eram sacerdotes vinculados ao Estado, mas possuíam numerosa clientela, uma vez que os romanos eram demasiadamente supersticiosos, vendo presságios favoráveis e desfavoráveis por todos os lados. Com a “LEI OLGÚLNICA” os plebeus foram admitidos para esta dignidade. Inicialmente o Estado nomeara dez áugures mais tarde o número

foi aumentado por Sila para quinze. Usaram e abusaram tanto dos seus poderes que terminaram desacreditados.

AUGURACULUM era o lugar onde se faziam os augúrios, ficava situado no Capitólio. O vocábulo nessa época, *templum* significava o pequeno espaço quadrangular de terreno que o áugure descrevia com seu lítuo (espécie de bastão recurvo) para observar no interior do mesmo o vôo das aves; em seguida, indicou todo pedaço de terreno que se dedicava a um deus e muitas vêzes circundava um templo; depois, passou a designar lugar sacro e, finalmente, o próprio templo consagrado a uma divindade determinada.